

SÓ O SANGUE CHEIRA A SANGUE

VIAGEM AO GULAG

António de Araújo

ANNE APPLEBAUM

**Gulag.
Uma História**

[trad. António Costa Santos]
Porto,
Civilização,
2005, 655 páginas

UM ACTO DE CORAGEM EDITORIAL

«Há coisas que fazem perder a cabeça, ou não há cabeça a perder.» Esta afirmação de Hebbel, que o psicólogo Viktor Frankl cita, a propósito dos campos de concentração nazis, numa obra recentemente publicada entre nós¹, bem poderia ser aplicada como síntese deste *Gulag. Uma História*, de Anne Applebaum, que em boa hora a Editora Civilização teve – porque não dizê-lo? – a coragem de dar à estampa em Portugal.

Publicar o livro de Anne Applebaum trata-se, efectivamente, de um acto de coragem editorial. Não porque o tema dos campos soviéticos seja controverso, pese o facto de algumas correntes historiográficas, claramente minoritárias, terem trilhado caminhos próximos do revisionismo, como sucede com o trabalho de malabarismo interpretativo levado a cabo por Robert Thurston². Também não se trata de uma realidade nova ou desconhecida no Ocidente. Ainda que na altura certas pessoas, incluindo intelectuais de renome como Sartre, se tenham recusado a encarar o facto – ou a extrair dele as devidas ilações –, o que se passou nos campos soviéticos era desde há muito conhecido.

Por um lado, através de grandes obras literárias, como *Um Dia na Vida de Ivan Denisovich*, de Soljenitsine, ou *Contos de Kolimá*, de Varlam Chalamov (de que uma pequena parte foi publicada entre nós³). Por outro lado, sabíamos do Gulag a partir de narrativas de cunho memorialístico, de que são exemplo *Journey into the Whirlwind*, de Eugenia Ginzburg⁴, o extraordinário *Man is Wolf to Man*, de Janusz Bardach⁵, ou, de algum modo, *Arquipélago de Gulag*, de Soljenitsine (ainda que se não trate de uma obra de memórias em sentido próprio). Do ponto de vista historiográfico, o livro de Applebaum também não é o primeiro a ocupar-se do Gulag⁶. Antes dele, poderíamos lembrar, a título de exemplo, as (injustamente) maltratadas⁷ obras de Robert Conquest sobre o «Grande Terror» estalinista⁸ ou os campos da morte do Ártico⁹. Mais recentemente, podem referir-se os livros de Michael Jakobson¹⁰ e de Edwin Bacon¹¹ que, de certo modo, se complementam, porquanto o primeiro se dedica às origens do Gulag e abrange o período que vai de 1917 a 1934 e o segundo aborda os campos siberianos no tempo da guerra de 1939-1945.

A coragem editorial revelada na publicação deste livro não se encontra também no facto de se tratar de um livro polémico – que não é – e, muito menos, de uma obra de qualidade duvidosa, como sucede com o lamentável exercício pseudoliterário de Martin Amis em torno de Estaline¹². A audácia da Editora Civilização reside, isso sim, na circunstância de ter levado a cabo um empreendimento cultural de grandes proporções, ao traduzir para língua portuguesa um volumoso ensaio de cerca de 600 páginas sobre um tema em relação ao qual existe algum alheamento, quando não desinteresse (que esperemos este livro venha a corrigir). A tradução é escorreita e, de um modo geral, satisfatória, ainda que uma obra desta envergadura devesse ter merecido os cuidados de um revisor científico, de modo a que tivessem sido evitados erros imperdoáveis como tratar a conhecida jornalista e investigadora Gitta Sereny – que tem, de resto, livros publicados entre nós¹³ – como se fosse um homem (p. 34). Deve saudar-se, em contrapartida, a opção por reproduzir as fotografias da edição original e, bem assim, o respectivo índice onomástico e ideográfico, que normalmente desaparecem nas edições portuguesas de livros estrangeiros.

O livro, como se disse, não tem intuítos polemizantes, nem sequer aborda o período soviético a uma luz inteiramente nova. Trata-se antes do produto de um rigorosíssimo trabalho de levantamento factual, pacientemente realizado ao longo de anos, que Anne Applebaum apresenta numa escrita cativante, clara e apelativa, à qual certamente não será alheia a forma-

ção e a experiência jornalísticas da autora. Apesar de se tratar de uma obra volumosa, lê-se com muito maior entusiasmo do que, por exemplo, o dispersivo e algo confuso ensaio de Alexander Yakolev¹⁴ ou o informativo mas árido livro de Moshe Levin¹⁵, ambos também recentemente dados à estampa em Portugal. A reconstrução factual foi levada a cabo por Anne Applebaum com apoio na bibliografia existente, nomeadamente em diversos relatos memorialísticos, na consulta aprofundada dos arquivos russos e, bem assim, em entrevistas a alguns sobreviventes do vasto sistema prisional soviético. Na recensão que fez a este livro, que qualifica como «o melhor e mais eloquentemente escrito» sobre o Gulag¹⁶, o conhecido historiador Stanley G. Payne enaltece em especial o facto de Anne Applebaum, ao contrário dos cultores do «arquivismo russo», que se limitam a mergulhar na imensa massa documental que a *glasnost* desvendou, ter tido a preocupação de analisar meticulosamente os relatos memorialísticos e até de entrevistar sobreviventes dos campos de trabalho. Contudo, devemos reconhecer que se trata de um elogio algo exagerado, porquanto a autora, como a própria refere, se limitou a contactar cerca de vinte sobreviventes (p. 21), número que, atendendo aos milhões que passaram pelos campos ao longo dos anos, não pode considerar-se particularmente expressivo.

Se o livro não apresenta dados absolutamente novos, se não traz revelações sensacionais, onde reside então o seu mérito, que lhe valeu a obtenção, em 2004, do Prémio Pulitzer? A resposta é simples: esta é,

nem mais nem menos, a melhor obra que até hoje foi publicada sobre o Gulag. Dir-se-ia mesmo que se trata de uma obra definitiva, se não se tratasse de um epíteto sempre arriscado, sobretudo quando falamos do vertiginoso movimento editorial do mundo anglo-saxónico, a par da tradução para inglês de numerosas obras produzidas pela pujante historiografia contemporânea russa¹⁷. É certo que recentemente foram produzidas (ou traduzidas para línguas acessíveis) obras consideradas de grande qualidade historiográfica, como a da autoria de Oleg Khlevniuk, investigador do Arquivo Estatal da Federação Russa¹⁸. Simplesmente – e ao contrário do que o título do livro sugere –, a obra de Khlevniuk, um dos mais acabados exemplos do «modelo arquivista» atrás citado, abrange apenas o período anterior à Segunda Guerra. Ora, é no pós-guerra que o Gulag atinge o seu auge, tendo a população prisional alcançado o seu máximo – mais de dois milhões e meio de detidos – no período 1949-1952. Por isso se pode reiterar a afirmação de que o trabalho de Anne Applebaum é aquele que nos dá uma visão mais completa do histórico dos campos soviéticos.

HOLOCAUSTO E GULAG

A circunstância de Applebaum não ter hesitado em analisar as diversas etapas do sistema prisional russo até à sua desagração, nos anos 80 do século XX, fornece-nos, desde logo, uma excelente oportunidade para aprofundar uma questão há muito discutida: o paralelismo entre o Holocausto e o Gulag. Como se sabe, esse paralelo é rejeitado por muitos,

nomeadamente judeus que insistem na ideia da singularidade absoluta e transcendente da Shoah e, em consequência, no carácter quase «sacrílego» de quaisquer comparações com outros casos de genocídio ou de extermínio colectivo.

O cotejo não pode, naturalmente, ser estabelecido em termos puramente estatísticos – ainda que os números das vítimas directas do Gulag, a que Applebaum dedica um apêndice do seu livro, sejam naturalmente importantes. Se Estaline dizia que «uma morte é uma tragédia, um milhão é uma estatística» devemos, de facto, preocupar-nos com a «estatística», pelo que, apesar dos seus lapsos pontuais, teremos sempre de louvar o monumental labor analítico do *Livro Negro do Comunismo*¹⁹. O problema é que, neste plano, qualquer estatística surge como falível, se com ela se pretende quantificar o mal infligido ao povo soviético ao longo do século XX. Este é um ponto em que o Holocausto se afasta do Gulag. Mesmo que o regime nazi tenha averbado um maior número de vítimas num lapso de tempo muito mais curto, a longa duração do Gulag torna-o, por assim dizer, numa realidade intrínseca do sistema político soviético, sem a qual este dificilmente poderá ser caracterizado na sua plenitude. O extermínio dos judeus foi, é certo, uma componente inescapável do regime hitleriano mas, sem nos aventurarmos nos terrenos sempre movediços da história contrafactual, é possível conjecturar que o nazismo sobreviveria se acaso tivesse sido concretizada a *Endlösung*. O completo extermínio dos judeus, permitindo ao regime nazi concentrar-se noutras reali-

zações, nomeadamente no esforço de guerra, tê-lo-ia mesmo fortalecido. Ora, não era esse o alcance do Gulag: enquanto o extermínio dos judeus possuía uma natureza, por assim dizer, «instrumental» em relação ao nazismo, que chegava a prejudicar outros dos seus objectivos (por exemplo, o expansionismo ou o esforço de guerra), o «terror» era um elemento imprescindível para a instauração e a sobrevivência do estalinismo, por muito que isso custe a historiadores como Robert Thurston. O subtítulo da biografia de Estaline escrita por Hélène Carrère d'Encausse – a «ordem pelo terror» – é, neste particular, especialmente apropriado²⁰.

A par disso, não houve uma «libertação» dos campos soviéticos festivamente saudada pela opinião pública mundial, não ocorreu um julgamento dos responsáveis, como em Nuremberga, nem existiu uma «indústria do Gulag» como se fala de uma «indústria do Holocausto» (ainda que devamos rejeitar os exageros polemizantes da obra de Norman Finkelstein com esse nome²¹). Estes factores, a par de preconceitos ideológicos que durante tantos anos cegaram tanta gente, poderão explicar a diferente projecção de ambos os fenómenos no imaginário colectivo. A questão não é, obviamente, a de contrapor o Gulag ao Holocausto, com o intuito de anular reciprocamente as culpas de Estaline e de Hitler, nem tão-pouco de explorar a já muito estafada análise comparativa dos sistemas comunista e nazi. Trata-se apenas de tentar perceber o motivo pelo qual o Gulag ainda se encontra envolto num manto de silêncio – e de

vergonha. Estranhamente, a «maior empresa individual de engenharia representativa totalitária da Europa do século XX», nas palavras de Stanley Payne²², não tem merecido a atenção que, através de romances, filmes ou séries televisivas, é dedicada ao Holocausto. É possível que tal se deva ao facto de só em tempos recentes se ter começado a conhecer, nos seus contornos precisos, a dimensão da tragédia soviética. Se assim for, teremos uma razão adicional para saudar este livro de Anne Applebaum, não já por se tratar de uma «obra definitiva» mas, ao invés, por constituir um trabalho relativamente pioneiro – e de grande fôlego – sobre uma realidade que urge conhecer melhor.

Applebaum descreve de forma brilhante a transformação profunda que, na longínqua e gélida Sibéria, os campos vão sofrendo ao longo de décadas, a ponto de, nos tempos da *perestroika*, não terem quaisquer semelhanças com os seus congéneres dos anos 20 e 30. Por isso, e ao contrário do que sucedeu em Auschwitz ou Dachau, não temos imagens de cadáveres amontoados, nem de moribundos esqueléticos. A fotografia que Applebaum apresenta de uma camarata sobrelotada (fotografia 16a) permite ver, ao invés, uma sala limpa, arejada, com uma mesa e cadeiras e reclusos com um ar tranquilo e bem alimentado. Tratar-se-á, possivelmente, de uma imagem de propaganda, a menos que todos os relatos de fomes e tormentos que encontramos em Soljenitsine, Chalamov ou Bardach sejam falsos... O que pode dizer-se, em todo o caso, é que o Gulag não foi concebido para exterminar de uma forma sistémica e, por assim dizer, «industrial»

os que eram deportados para os campos da Ásia Central ou da Sibéria. A dimensão económica do Gulag – estudada minuciosamente pelo historiador alemão Ralf Stettner – torna-se mais evidente sobretudo a partir de Junho de 1929, quando, no auge da «revolução estalinista», com a colectivização agrícola e a industrialização planificada a exigirem um enorme caudal de recursos, o Politburo decide que o sistema prisional deveria autofinanciar-se através de «campos correctivos de trabalho». As melhorias verificadas durante o consulado de Beria, nomeadamente em 1939, não tinham propósitos «liberalizadores». Visavam, isso sim, aumentar a rentabilidade laboral dos presos. Não por acaso, a consciência de que o sistema de trabalhos forçados era um falhanço do ponto de vista económico – até aí o regime soviético se mostraria economicamente desastroso – levaria Beria, após a morte de Estaline, a encerrar muitos campos.

A par dessa componente económica, os campos tinham um propósito de *repressão política global* que não encontramos no nazismo (não se trata, repete-se, de um paralelo desculpabilizador: no regime de Hitler, os opositores mais destacados eram mortos de imediato, não internados em campos). Com efeito, após a institucionalização formal do Gulag, ocorrida em finais de 1930, o passo seguinte, e mais tenebroso, seria dado em 1934, com a transferência da administração dos campos para a NKVD, nas vésperas das grandes purgas de 1937-1938, o que daria ao Gulag uma carga de *repressão política* que os campos de concentração nazi, em regra, não possuíram. Em 1941, existiam cerca

de dois milhões de detidos nos campos soviéticos. A invasão alemã iria produzir efeitos terríveis no Gulag: permitiu-se que quase um milhão de prisioneiros se alistasse como voluntários nos «batalhões de castigo» (*shtrafný batalony*) do Exército Vermelho; mas, para os que ficaram nos campos, devido ao hercúleo esforço de guerra, as condições de vida iriam endurecer de forma brutal, calculando-se que cerca de meio milhão de presos tenha morrido pura e simplesmente de fome.

Deve notar-se, por outro lado, que os campos de extermínio nazis tinham por objecto grupos precisos e localizados (judeus, ciganos, homossexuais). Um alemão «normal», mesmo que não fosse um «carrasco voluntário de Hitler», para usar a expressão do controverso livro de Goldhagen²³, dificilmente seria enviado para Auschwitz ou Treblinka. Pelo contrário, toda a sociedade soviética estava ameaçada pelo risco de deportação para a Sibéria, tantas vezes feita por motivos fúteis, irracionais ou inexplicáveis. Ao contrário de Hitler, Estaline não queria exterminar uma raça, mas aterrorizar um povo. Isso torna o Gulag menos letal do que o Holocausto – pois o extermínio sistemático de uma raça implica, como é óbvio, mortes em massa num curto período de tempo – mas simultaneamente mais aterrorizador, se o tomarmos na perspectiva da sociedade soviética como um todo. Talvez isto nos ajude a explicar o motivo pelo qual, num fenómeno que Adam Hochschild descreve de forma admirável²⁴, muitos russos têm uma relação ambígua, de fascínio temeroso, com a memória de Estaline,

apesar de este ter morto vinte milhões dos seus compatriotas. Quem duvide pode ver o catálogo da exposição do 50.º aniversário da morte de Estaline, realizada em Moscovo em 2003: apesar de só ter sido editado em russo, a conservação e a exibição pública dos seus objectos pessoais (desde as botas ao cachimbo, passando pelo uniforme de marechal da URSS à máscara mortuária²⁵) mostra de forma exemplar que a memória do estalinismo é, para os russos, bem menos traumática do que a recordação do nazismo para os alemães (seria impensável que as autoridades germânicas promovessem uma exposição com objectos pessoais de Adolf Hitler).

CAMPOS DE EXTERMÍNIO VS. CAMPOS DE TRABALHO

Este discurso não pretende – bem longe disso – traçar paralelos entre o Holocausto e o Gulag com intuítos desculpabilizantes para o primeiro. É que enquanto os campos de concentração nazis podem ser qualificados, de um modo geral, como *campos de extermínio*, os campos soviéticos eram, numa apreciação global, *campos de trabalho*. As realidades por vezes confundem-se: na Alemanha nazi muitos dos presos nos campos eram usados para fins de trabalho, mão-de-obra escrava ao serviço de empresas que ainda hoje existem e prosperam. Por seu turno, na União Soviética o «trabalho» acabava por matar milhares de pessoas, algumas das quais na própria viagem rumo à Sibéria ou nos contactos com os temíveis *urkas*, presos de delito comum, condenados pelos crimes mais terríveis, que as autoridades perversamente

misturavam com os «políticos», abrangidos pelo famoso artigo 58.º do Código Penal, a quem era reservado um tratamento bem pior do que o daqueles. Por outras palavras, morria-se independentemente do «trabalho» e, por muito que as autoridades quisessem explorar a mão-de-obra, certos lugares tinham condições tão terríveis que eram qualificados pelos presos como «campos de morte» (*dokhodilovka*). Em todo o caso, pode dizer-se, numa visão genérica, que os nazis produziram campos de extermínio e os soviéticos campos de trabalho, ainda que também se trabalhasse nos primeiros e morresse nos segundos. Só esta distinção entre campos de extermínio e campos de trabalho permite explicar o que separa as duas realidades.

Existem dois pontos que são particularmente conseguidos pela laboriosa empresa de Anne Applebaum: em primeiro lugar, a descrição do quotidiano e do «rostro humano» do Gulag, feita numa perspectiva mais distanciada do que aquela que encontramos em relatos memorialísticos, naturalmente centrados na narrativa das experiências pessoais dos seus autores; em segundo lugar, a análise diacrónica da evolução do sistema prisional soviético, desde os seus antecedentes na *katorga* da Rússia czarista até praticamente aos nossos dias – a tentativa de mostrar a «persistência do Gulag», feita com base em notícias esparsas sobre trabalhos forçados, é, todavia, um aspecto que Applebaum deveria tratar de forma mais consistente e apurada, até porque daria matéria para um outro livro (veja-se, por exemplo, o recentíssimo e demolidor

relatório do Conselho da Europa, divulgado por Gil-Robles em Abril de 2005, sobre a violação dos direitos humanos na Rússia, com acusações de xenofobia, anti-semitismo e outras formas de racismo). Trata-se, no entanto, de um delito menor num livro cuja leitura se justifica a todos os títulos. Quando lemos as memórias de Janusz Bardach, por exemplo, situamos a narrativa dos seus tormentos num enredo novelesco de que conhecemos antecipadamente o final feliz: pelo simples motivo de nos poder contar a sua história, o autor conseguiu sair vivo da casa dos mortos. Por muito terrível que seja o que nos dizem, o horror da narrativa é, de certo modo, redimido pelo facto de nos encon-

trarmos perante uma história pessoal, que irreprimivelmente acompanhamos como uma ficção de Dostoievski. No livro de Anne Applebaum, pelo contrário, as descrições da vivência nos campos são feitas na perspectiva dos milhões de presos – que o mesmo é dizer de nenhum preso em particular. Para a tragédia do Gulag, tal como Anna Applebaum a apresenta, não existem finais felizes. Só factos, nomes e números. Perante tais factos, nomes e números, apenas nos resta, como no poema de Anna Akhmátova²⁶, formular uma última mas crucial pergunta:

Por que tornastes num covil
A derradeira liberdade? **RJ**

NOTAS

¹ FRANKL, Viktor – *Um Psicólogo no Campo de Concentração*, trad. portuguesa. Lisboa: Vega, 2005, p. 33.

² THURSTON, Robert W. – *Life and Terror in Stalin's Russia, 1934-1941*. New Haven-Londres: Yale University Press, 1996. O livro de Thurston apresenta um conjunto muito variado de «teses», algumas das quais passíveis de discussão, como a que sustenta que uma parcela significativa da sociedade soviética, a todos os níveis, participou activa e convictamente na repressão estalinista – que, obviamente, atenta a sua dimensão colossal, não pode considerar-se obra de um só homem. No fundo, Thurston defende, neste passo, uma ideia similar à que Goldhagen sustenta com a ideia dos «carrascos voluntários de Hitler». É também aceitável, em tese geral, a ideia de que a «satanização» da figura de Estaline permitiu aos russos vitimizarem-se colectivamente, o que acabou por favorecer um abandono não traumático do regime soviético. Muito mais controversa é a tese de que as purgas dos anos 30, ao abrirem espaço para a emergência de novas elites, vieram, a longo prazo, servir a *perestroika* e a chegada de Gorbachev ao poder, em 1985. E, mais controversa ainda, é a ideia de que a adesão generalizada da população ao estalinismo, a par da apresentação de exemplos da «abertura» do regime no auge das purgas, impossibilita que se fale num sistema de «terror» em sentido próprio; se assim fosse, porque

se fala na Rússia do «Grande Terror» dos anos 30? E por que razão o próprio livro de Thurston se intitula *Life and Terror in Stalin's Russia*? A explicação que Thurston apresenta para utilizar o conceito de «terror» não é, de modo algum, convincente.

³ CHALAMOV, Varlam – *Contos de Kolimá*, trad. portuguesa. Lisboa: Relógio d'Água, s.d. É claramente preferível a edição inglesa, que integra um número muito mais significativo de textos: SHALAMOV, Varlam – *Kolyma Tales*. Londres: Penguin Books, 1994; ou a versão integral da obra, publicada em francês: *Récits de Kolyma*. Paris: Verdier, 2002.

⁴ GINZBURG, Eugenia Semyonovna – *Journey into the Whirlwind*, trad. norte-americana. San Diego-Nova York-Londres: Harvest, 1975.

⁵ BARDACH, Janusz & GLEESON, Kathleen – *Man is Wolf to Man. Surviving Stalin's Gulag*, trad. norte-americana. University of California Press: 1998.

⁶ Em rigor, dever-se-ia utilizar o feminino, uma vez que a expressão resulta do acrónimo de *Glavnoe Upravlenie Lagerei* (Administração Central dos Campos/GULag), em que a palavra-chave é *Upravlenie* («administração», em russo).

⁷ Refiro-me à reacção havida nos anos 60 quando foram publicadas as primeiras ver-

sões de livros de Conquest como *The Great Terror*.

⁸ CONQUEST, Robert – *The Great Terror. A reassessment*. Londres: Pimlico, 1990.

⁹ CONQUEST, Robert, *Kolyma – The Arctic Death Camps*. Londres: Macmillan, 1978.

¹⁰ JAKOBSON, Michael – *Origins of the Gulag. The Soviet Prison Camp, 1917-1934*. The University Press of Kentucky: 1992.

¹¹ BACON, Edwin – *The Gulag at War. Stalin's forced labour system in the light of the archives*. Palgrave Macmillan: 1996.

¹² AMIS, Martin – *Koba, the Dread. Laughter and the twenty million*. Londres: Jonathan Cape, 2002, de que existe versão portuguesa.

¹³ SERENY, Gitta – *No Mundo das Trevas. O Inferno de Treblinka e o seu Carrasco*, trad. portuguesa. Lisboa: Âncora Editora, 2000.

¹⁴ YAKOLEV, Alexander – *Um Século de Violência na Rússia Soviética*, trad. portuguesa. Lisboa: Editora Ulisseia, 2004.

¹⁵ LEVIN, Moshe – *O Século Soviético*, trad. portuguesa. Lisboa: Campo das Letras, 2004.

¹⁶ PAYNE, Stanley G. – «La Gulag como história», In *Revista de Libros*, n.º 98, Fevereiro de 2005, p. 18.

- 17** Podem referir-se, a título de exemplo, obras como *Gulag. Life and Death Inside the Concentration Camps* (2004), de Tomasz Kizny, *The Gulag Survivor. Beyond the Soviet System* (2001), de Nanci Adler, *Night of Stone. Death and Memory in Twentieth-Century Russia* (2002), de Catherine Merridale, *Labor Camp Socialism. The Gulag in the Soviet Totalitarian System* (2000), de Galina Mikhailovna Ivanova, ou *Till My Tale is Told. Women's Memoirs of the Gulag* (2001), editado por Vilensky Simeon.
- 18** KHLEVNIUK, Oleg – *The History of the Gulag. From collectivization to the Great Terror*, trad. norte-americana. New Haven-Londres: Yale University Press, 2004.
- 19** COURTOIS, Stéphane, WERTH, Nicolas, PANNÉ, Jean-Louis, PACZKOWSKI, Andrzej, BARTOSEK, Karel & MARGOLIN, Jean-Louis – *O Livro Negro do Comunismo. Crimes, Terror e Repressão*, trad. portuguesa, pref. de José Pacheco Pereira. Lisboa: Quetzal Editores, 1998.
- 20** D'ENCAUSSE, Hélène Carrère – *Staline. L'Ordre par la Terreur*. Paris: Flammarion, 1979.
- 21** FINKELSTEIN, Norman – *A Indústria do Holocausto. Reflexões sobre a Exploração do Sofrimento dos Judeus*, trad. portuguesa. Lisboa: Antígona, 2001.
- 22** PAYNE, Stanley G. – «La Gulag como historia», In *Revista de Libros*, n.º 98, Fevereiro de 2005, p. 19.
- 23** GOLDHAGEN, Daniel Jonah – *Hitler's Willing Executioners. Ordinary Germans and the Holocaust*. Nova York: Alfred Knopf, 1996, de que existe versão portuguesa.
- 24** HOCHSCHILD, Adam – *The Unquiet Ghost. Russians remember Stalin*. Nova York: Penguin, 1994.
- 25** Agradeço o auxílio prestado por Vladimir Ilhin na tradução das legendas do referido catálogo, editado em 2003 pelo Arquivos Centrais da Federação Russa.
- 26** AKHMÁTOVA, Anna – *Só o Sangue Cheira a Sangue*, trad. portuguesa. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000, p. 31.

COMUNISMO

“O comunismo é, ao mesmo tempo, um exército e uma igreja.” **RI**

Raymond Aron, *Les Guerres en Chaîne* (1951), p. 171.